

## RESENHAS

**MACRAE, Edward; MEDEIROS, Regina; ALENCAR, Roca (Orgs.) Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA, 2023. 368 p. (Drogas: clínica e cultura). ISBN: 978-65-5630-539-4.**

Wagner Coutinho Alves

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Vice-presidente do Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas - COMAD/Salvador e Pesquisador do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Psicoativos - GIESP/UFBA.

Email: [wagner.alves@ufba.br](mailto:wagner.alves@ufba.br)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2803-7061>

É com satisfação que escrevo essas palavras, contente em colaborar com o primeiro volume da Revista Antropologia sem fronteiras, resenhando o livro “Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? Enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos”, organizado por Edward MacRae, Regina Medeiros e Roca Alencar.

Entre uma e outra atividade do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre o uso de Substâncias Psicoativas (GIESP), núcleo de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cujas linhas

Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos, de Edward MacRae et al.

de pesquisa norteiam a seleção dos artigos que compõem a coletânea, tive a oportunidade de acompanhar a trajetória da curadoria.

As pessoas foram sendo convidadas ao longo de anos, em diferentes edições da Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), no Grupo de Trabalho - GT60 “Psicoativos: Lei, normas, rituais, usos do corpo, performances, movimentos sociais e etnicidade”, coordenado por MacRae e Regina Medeiros, do Encontro Nacional sobre a Sócio-Antropologia do Uso de Psicoativos (ENSSAUP), foro organizado por MacRae e eu para oferecer um espaço adequado para propostas que não puderam ser incluídas no GT da RBA, e nas sessões do Grupo de Trabalho “Consumos e consumidoras: pessoas que usam e produzem conhecimento sobre drogas”, que coordenei nos congressos internacionais da Associação Brasileira Multidisciplinar de Estudos sobre Drogas (ABRAMD), em Belo Horizonte, 2017, e Curitiba, 2019.

Esses fóruns se dedicaram a aprofundar os debates sobre a questão das drogas e de como ela se apresenta na sociedade contemporânea, fornecendo também um espaço para inclusão de usuários, usuárias e seus conhecimentos nativos, únicos, e costumeiramente negligenciados.

Inicialmente a coletânea discorre sobre o envolvimento da antropologia com estudos relacionados à questão das drogas e como as etnografias realizadas nesse *milieu* são desafiadoras, tendo em vista que os encontros entre as pessoas são atravessados por ilegalidades, relacionadas aos consumos de certas substâncias, tornadas ilícitas. Além da apresentação, “Pesquisas no mundo das substâncias psicoativas: reflexões metodológicas e éticas”, de autoria dos(as) organizadores(as), outros 12 capítulos completam a obra.

Gustavo Satler, em “Quando o psicanalista vai à rua: notas

Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos, de Edward MacRae et al.

ético-metodológicas de uma etnografia”, apresenta as questões éticas e metodológicas que o levaram a repensar sua atuação profissional, ao compreender que para entender e intervir no complexo campo do uso de substâncias seria necessário contabilizar a pluralidade de discursos nele envolvidos.

Em parceria, Andrea Ruzzi-Pereira, João Diogo Filippini Fernandes e Clarissa Mendonça Corradi-Webster trazem um texto que parte do campo das ciências da saúde, “Estudos sobre uso de substâncias entre universitários: considerações éticas e metodológicas”, onde discutem o uso de métodos quantitativos, predominantes nas ciências da saúde, e as especificidades da população universitária que precisam ser levadas em conta ao estudá-la.

Marcos Verissimo, autor do texto “Tráfico simbólico: alcances e limitações de uma categoria analítica no contexto dos estudos sobre as culturas canábicas”, conta como desenvolveu a categoria analítica “tráfico simbólico”, para interpretar os dados produzidos por meio do método etnográfico, considerando que o termo “tráfico” não contemplava adequadamente as peculiaridades da “cultura canábica.

Ivone Pinheiro e Edna Ferreira Alencar escreveram “Dilemas éticos em antropologia: reflexões sobre uma etnografia com mulheres no tráfico de drogas”, onde falam sobre as dificuldades de Ivone ao realizar entrevistas em profundidade num bairro periférico de Belém, quando lá residia. Elas problematizam a pesquisa antropológica em contextos de tráfico de drogas e suas intersecções com questões de gênero e criminalidade feminina.

Danielle de Carvalho Vallim, em “Como o primeiro dia de trabalho de campo mudou minha vida?”, se debruça sobre as dificuldades encontradas ao realizar observação participante

Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos, de Edward MacRae et al.

entre pessoas em situação de rua que faziam uso abusivo de crack, no Rio de Janeiro e em Nova York, relatando como sua entrada em campo foi desafiadora, rica e produtiva pessoal e profissionalmente, levando-a a desenvolver um olhar que priorizava os sujeitos e não as substâncias.

Tiago Hyra Rodrigues, estudioso das chamadas condutas de risco, fala “Sobre a ‘ética do cuidado’: autonomia e vínculo na atuação de redutores de danos entre usuários de drogas em situação de rua”, discutindo concepções, desenvolvimentos e perspectivas teóricas sobre como o cuidado e sua ética impactam nas relações entre redutores(as) de danos e as pessoas em situação de rua com quem trabalham, na cidade de São Paulo.

Débora Ferraz de Oliveira, autora do capítulo “De redutora de danos, a psicóloga, a antropóloga - limites tênues entre o cuidado e a pesquisa com pessoas em situação de rua”, apresenta reflexões sobre as estratégias metodológicas e desafios de pesquisar populações vulneráveis, baseando-se naquilo que aprendeu ao investigar o contexto sociocultural do uso de crack no Centro Antigo de Salvador.

Luana Silva Bastos Malheiro, no texto “Por uma epistemologia feminista antiproibicionista - embates entre uma ciência viciada, cenas de coteorização e o ativismo como método”, tece uma série de críticas ao campo político e social da produção de conhecimento baseando-se na etnografia que realizou no Centro Histórico de Salvador, com mulheres em situação de rua, usuárias de crack. Ela faz uma distinção entre o que suas interlocutoras chamavam de “pesquisas de verdade”, onde há trocas e vínculos, e “pesquisas de boca”, mediadas por questionários e impessoalidades. Esse dilema, inclusive, inspirou a nomeação da coletânea.

Klarissa Platero e Lígia Platero apresentam o texto “Do

Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos, de Edward MacRae et al.

campo para casa: afetações e riscos na construção de pesquisas envolvendo usos rituais de psicoativos”, onde narram duas experiências envolvendo ayahuasca que as impactaram fortemente, pondo em risco seu bem-estar psíquico e influenciando seus diferentes trabalhos de campo e dados de pesquisa. Além disso, destacam os riscos relacionados à realização de pesquisas em ciências sociais envolvendo usos rituais de psicoativos.

Francisco Savoi de Araújo, em “Ética e metodologia na pesquisa sobre o uso religioso de psicoativos: contribuições a partir da antropologia” descreve como deixava-se “ser afetado” ao fazer sua etnografia em meio a um grupo que hibridiza práticas sacramentais rastafaris e do Santo Daime, com consumos de cannabis e ayahuasca, diferenciando os tabus que envolvem esses usos entre daimistas e rastafaris.

Rodrigo Calderaro Rocha, no capítulo intitulado “Reflexões sobre o fazer etnográfico no contexto de uso ritual do daime em Santa Izabel-PA”, examina o entrosamento de fardados homossexuais em um centro praticante da Doutrina do Daime, localizado na região em torno de Belém do Pará. Comparando-o com dois outros centros próximos, filiados a outras vertentes daimistas, relata como a participação nos rituais e sua identificação com outros daimistas homossexuais levaram-no a “afetações” em campo que enriqueceram suas experiências e percepções, tornando-se essenciais para seus resultados.

No capítulo final, Rodrigo de Azeredo Grünewald faz elucubrações sobre sua longa trajetória como antropólogo, professor, pesquisador e usuário ritual de plantas psicoativas. “Sobre sereias, dragões e o que mais vier” discute a ética da pesquisa para além dos parâmetros formais da coleta de informações. Partindo de suas memórias, Grünewald reflete sobre os conhecimentos adquiridos em vivências e estados

Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca? enfrentamentos metodológicos e éticos em pesquisas sociais no mundo dos psicoativos, de Edward MacRae et al.

alterados de consciência ao longo dos anos. Deslocando-se do lugar de pesquisador para a posição de alguém com muitas experiências, ele pondera sobre maneiras de lidar aquilo que foi experienciado e como descrever tudo isso para futuros leitores(as).

A coletânea não esgota as discussões sobre os desafios éticos e metodológicos enfrentados por quem faz pesquisas no mundo dos psicoativos e não oferece soluções definitivas para tais dilemas. Parte dos trabalhos retratam como foi necessária uma compressão de que a droga não é a parte mais importante da equação, que envolve a substância, pessoa e seus contextos, e como isso impactou as tecnologias de cuidado, ou de construção do cuidado, a compreensão e manejo das situações que afetam as pessoas impactadas pela questão das drogas, consumidoras ou não. Outra parcela do livro se dedica às ponderações sobre a participação de pesquisadores(as) em rituais envolvendo a ingestão de ayahuasca e/ou consumo de outras substâncias psicoativas, e as implicações éticas envolvidas nisso.

Concluindo, destaco como os posicionamentos antiproibicionistas foram unânimes entre as pessoas que colaboraram com artigos. Encerro esta resenha com ares de otimismo pois a publicação da “Pesquisa de verdade ou pesquisa de boca?”, na coleção Drogas: clínica e cultura, a mais longa da EDUFBA - Editora da Universidade Federal da Bahia, parece apontar para uma progressiva consolidação de pesquisas acadêmicas com esse viés.